

Dr. Robert A. Peterson, Cristologia, Sessão 6, Cristologia Moderna, Parte 1, Kant, Schleiermacher e Ritschl

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 6, Cristologia Moderna, Parte 1, Kant, Schleiermacher e Ritschl.

Continuamos nossas palestras sobre Cristologia moderna fornecendo mais informações básicas sobre Cristologia moderna.

Protestantismo liberal. O século XIX pertenceu ao liberalismo protestante na Europa. Na América do Norte, mas especialmente nos Estados Unidos, a era liberal só começou em meados do século e terminou mais tarde do que na Europa.

Lá, seu fim foi marcado tanto pelo início da Primeira Guerra Mundial quanto pela ascensão à proeminência de Karl Barth. Na América do Norte, o liberalismo floresceu na década de 1930, quando se tornou vítima tanto da Depressão quanto do influxo de ideias neoortodoxas da Europa. Do lado católico romano, a cristologia não era uma questão sobre a qual houvesse dissensão, ou, nesse caso, muito pensamento criativo.

O Concílio de Trento, 1545-1563, que pretendia rejeitar a teologia da Reforma, não fez nenhum pronunciamento sobre Cristologia. Este não foi um ponto de controvérsia. No período da Contrarreforma que se seguiu, os teólogos católicos apenas repetiram e refinaram escolas de pensamento anteriores.

A única exceção a isso foi a erupção do modernismo católico, 1890-1910. Os modernistas, embora sempre insistindo que grandes diferenças existiam entre eles e os protestantes liberais, na verdade reproduziram muitas das ideias atuais no liberalismo. O movimento foi extinto, mas após um intervalo adequado, algumas das mesmas ideias foram aceitas pelo Concílio Vaticano II, 1962-1965, e se tornaram parte da ortodoxia católica.

O século XIX, é claro, também pertenceu às eras dos pensadores do Iluminismo. Este foi um fator importante na formação da Cristologia tanto no liberalismo protestante quanto no modernismo católico. Ambos os movimentos eram apologéticos por natureza.

Ambos foram ocasionados pelo medo de que a modernidade estivesse passando pelo cristianismo. Os proponentes desses movimentos responderam que não era a essência da fé cristã que era antiquada, mas seu invólucro doutrinário.

Schleiermacher, portanto, buscou um acordo com seus desprezadores cultos, seu termo, não em acordo doutrinário comum, mas em núcleo interno comum de consciência, que poderia ser identificado como religião e com o qual um amálgama de elementos cristãos poderia ser formado.

Essa consciência foi, no entanto, moldada pela cultura na qual foi formada e, portanto, o tipo de fé da qual Schleiermacher falou era essencialmente uma que enfatizava a continuidade entre Cristo e a cultura. Lembre-se da primeira introdução a esta série de palestras. Devemos distinguir entre cristologias de cima, que começam com o Filho Eterno, que se torna um homem, e cristologias de baixo, que começam com um homem, Jesus, e nunca podem realmente alcançar o alto.

Ou, outra maneira de dizer a mesma coisa Cristologias que enfatizam a descontinuidade entre Deus e a ordem criada, Deus entra na criação em Cristo, na Encarnação, ou Cristologias , que enfatizam a continuidade entre Deus e a ordem criada, Jesus é um mero homem, embora a mais fina flor da humanidade. Da mesma forma, George Tyrell, o profeta do modernismo católico inglês, falou de sua estratégia como necessitando da criação de uma síntese entre fé e modernidade, na qual o que era essencial para ambas seria preservado. Para entender a síntese, portanto, precisamos ter em mente os fundamentos da modernidade aos quais a fé estava se aliando.

Houve pelo menos três impulsos amplos que foram centrais para a formação da consciência do século XIX, que lhe foi legada pelo Iluminismo. Esses foram, primeiro, um viés antiautoritário; segundo, o surgimento da autonomia humana; e terceiro, o foco na consciência interior. Número um, o humor antiautoritário, é claro, assumiu muitas formas.

Mas o anticlericalismo e a desconfiança da Bíblia estavam entre os mais importantes. Tanto a Bíblia quanto a Igreja eram vistas como parte de uma ordem mais antiga cuja remoção era necessária para o surgimento da nova. Isso produziu zombaria da fé cristã por parte da intelligentsia como Thomas Paine e, na Europa, também resultou em violência contra a Igreja.

No lugar da Igreja como fonte de significado foi substituído o mundo empírico. Isso também assumiu muitas formas, algumas como Hegel, livros para história, outras como Freud para a natureza humana, e outras como Darwin para o mundo natural. O ponto era. No entanto, que significado e valores estavam sendo buscados de maneiras diferentes daquelas que prevaleceram na Europa Medieval e da Reforma.

Eles estavam sendo buscados em reinos diferentes dos tradicionalmente religiosos. Dois concomitantes a esse desenvolvimento foi o surgimento da autonomia humana. A interpretação da vida no mundo estava agora sendo buscada, não da Igreja ou da Bíblia, mas da perspectiva do intérprete humano sem ajuda.

Afinal, era o intérprete que, segundo Descartes, pode encontrar o único significado verdadeiro que é certo no mundo. É, ele argumentou, possível duvidar e questionar todo o resto. Mas quando esse processo de dúvida seguiu seu curso, uma coisa permaneceu ileso, e essa foi a consciência humana.

Foi então na consciência humana que um ponto de integração foi buscado, do qual a compreensão de todos os diversos elementos da experiência resultaria. A mudança da autoridade externa, como a Bíblia e a Igreja, para a autoridade do intérprete, portanto, mudou para uma discussão elaborada sobre a consciência interna. A santidade e a inviolabilidade dessa consciência foram, no entanto, severamente minadas de duas direções inteiramente diferentes.

No final do século XVIII, Kant demoliu a confiança na razão que os racionalistas mantinham, e no século XIX, Freud abalou a confiança na inocência e simplicidade da consciência. O argumento de Kant, é claro, era que a razão só pode funcionar em conjunto com o fluxo da percepção sensorial. Isso significa que não podemos saber mais do que nossos sentidos podem nos entregar, e o que sabemos não deve ser diretamente equiparado ao que existe, pois a razão categoriza e organiza as informações recebidas dos sentidos.

A razão é interposta entre o objeto que é percebido e o que o objeto é percebido como sendo pela pessoa. É um dispositivo de triagem, e a razão é que sua função é organizar a percepção sensorial. As consequências da filosofia de Kant foram enormes, mas as mais importantes para a teologia foram aquelas que se seguiram ao seu empirismo.

Nada pode ser conhecido exceto o que nos alcança através dos nossos sentidos ou o que é construído como significado e imposto ao mundo pela nossa razão, um exemplo deste último sendo causa e efeito pelos quais damos sentido ao que ocorre no mundo, mas que não nos é dado a conhecer do mundo empiricamente. Os sentidos não podem conhecer as relações das coisas umas com as outras, apenas suas qualidades empíricas como tamanho, forma, textura e posição. Na sequência de Kant, no entanto, o que acabei de discutir foi sua crítica da razão pura; agora, em sua *Crítica da Razão Prática*, ele quer reter a ética cristã de alguma forma.

Talvez ele tenha visto o que teria sido obtido se ele tivesse demolido totalmente a fundação, o que ele fez, da compreensão do mundo. Ele não queria que não houvesse crença em nada. Na sequência de Kant, no entanto, o que havia sido tirado da religião por um lado foi agora reintroduzido por outro.

Dadas suas restrições à razão, teria parecido que a conversa sobre Deus era completamente impossível. Na base antiga, Kant argumentou que era, mas então ele continuou afirmando a presença da consciência moral, que é em si mesma não

confiável e inexplicável, nos leva a postular que há um Deus que é a explicação dessa consciência. A conclusão de Kant foi estranhamente ambígua, mas seminal para o período moderno.

A menos que postulemos a existência de Deus, não podemos explicar o fato de que somos criaturas morais, mas ao nos explicarmos não podemos utilizar o conhecimento de Deus, pois Deus se localizou além do alcance da razão. Ele está no reino numenal ao qual não temos acesso. Temos acesso apenas ao reino fenomenal, e colocamos nossa própria marca nele porque não conhecemos as coisas como elas são em si mesmas.

Nós os conhecemos conforme os percebemos com nossos sentidos. Nós os distorcemos automaticamente. Então, o resultado é ceticismo, especialmente no que diz respeito ao conhecimento divino.

Sabe de uma coisa? Paulo meio que concorda com ele. O olho não viu nem o ouvido ouviu as coisas que Deus penetrou no coração do homem, as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam. 1 Coríntios 2, mas Deus as revelou a nós por seu espírito.

Não podemos conhecer Deus diretamente, mas a Bíblia afirma que Deus se revelou, e a Bíblia é uma revelação de Deus. O liberalismo da próstata floresceu amplamente no período entre Kant e Freud, o que sem dúvida tornou sua tarefa um pouco mais fácil, pois Freud, de fato, demoliu a ingenuidade com que Kant havia falado dessa consciência moral. A moralidade, Freud argumentou, é simplesmente a barreira artificial que a sociedade forma em seus membros para se proteger das forças subterrâneas obscuras que espreitam sob a superfície da consciência.

O senso moral é apenas um truque da nossa natureza e sociedade. Essas correntes, é claro, fluíram para o século XX. O pensamento kantiano, que é ele mesmo, que é a base de virtualmente toda epistemologia moderna, facilmente se dobrou para hábitos científicos da mente nos quais a experiência é tratada como se fosse composta de átomos como a matéria.

A experiência foi decomposta em unidades discretas e isoladas, que pendem sobre o sujeito que a experimenta como átomos pendem sobre átomos. Essa é a suposição que atravessa Russell, grande parte de Wittgenstein, e em AJ Iyer e a maior parte da filosofia linguística atual. Isso foi rapidamente seguido por uma dissolução comparável do self.

Ele também é tratado atomisticamente. De fato, no processo, os pensadores percebem que ele está mudando de uma forma que é comparável à forma como os átomos se movem e mudam. A dissolução do self, e especialmente de sua significância como criado à imagem de Deus, tornou o significado difícil de encontrar.

No século XX, vimos os super-homens de Nietzsche surgirem, ditadores tanto da esquerda quanto da direita política, que acreditavam que poderiam impor um governo totalitário porque as pessoas não tinham valor ou significado intrínseco. A experiência e os sujeitos experimentadores foram dissolvidos, e seu lugar foi tomado por forças obscuras e impessoais surgindo da história e se movendo implacavelmente para o objetivo predestinado. Curiosamente, o protesto mais vigoroso que foi feito contra essa situação, que é o do existencialismo, ainda admite o ponto de que a natureza humana não tem realidade.

Este resultado final, no entanto, estava longe de ser claro quando a teologia liberal entrou em uma aliança parcial com este tipo de pensamento. O movimento, é claro, veio a se concentrar em várias escolas de pensamento diferentes. Na Europa, estes eram principalmente os schleiermachianos de um lado e os proponentes do Ritual, Adolf Harnack enfatiza do outro.

As diferenças entre essas escolas, argumenta David Wells, foram exageradas. Os ritschlians, é difícil dizer, os seguidores de Albrecht Ritschl e os seguidores de Harnack não sofrerão indevidamente se Schleiermacher for considerado representante do protestantismo liberal. Na América, os principais proponentes foram pessoas como Washington Gladden e Walter Rauschenbusch, que aceitaram os axiomas do liberalismo, mas frequentemente os aliaram ao ativismo social.

Schleiermacher é justamente descrito como o pai da teologia moderna por causa do método que ele estabeleceu ao fazer teologia. Onde Kant argumentou que as previsões religiosas devem ser construídas sobre a consciência moral, Schleiermacher substituiu a consciência moral por uma consciência religiosa. Há, ele argumentou, dentro de todas as pessoas um senso de dependência absoluta.

É isso que o cristianismo esclarece, mas sua presença não está exaustivamente contida nas comunidades cristãs, nem é descrita sozinha pela teologia cristã. Para Schleiermacher, portanto, a revelação de Deus dentro do Jesus histórico não era o único centro dominante de sua teologia. Embora Jesus deva formar e reformar o significado da fé, ele não a define exclusivamente.

Foi essa alegação que despertou mais a ira de Barth do que talvez qualquer outra. Há verdade em todas as religiões para Schleiermacher. Há mais verdade em Jesus; ele é o melhor representante.

Nele, a consciência moral era mais aguda, mas ele começou de baixo. E então Jesus é um mero homem, contínuo com o mundo, não descontinuidade entre Deus e a ordem criadora. Essas distinções, de cima para baixo, descontinuidade e continuidade, atravessam a coisa toda.

E assim, sendo muito simples, a Cristologia patrística enfatizou a Cristologia de cima e a descontinuidade. A teologia moderna enfatiza a Cristologia de baixo e a continuidade. É muito simples, mas há muita verdade nisso.

Há todos os tipos de variações e assim por diante e nuances. Embora Schleiermacher não tenha sido totalmente explícito sobre as relações genéricas de sua teologia, parece razoavelmente claro que suas suposições operacionais foram derivadas do Romantismo. E, de muitas maneiras, isso o alinhou com a teologia grega anterior.

Ele assumiu que a natureza humana, toda a natureza humana, é o receptáculo natural do divino, que o divino infunde e impregna o humano moralmente, psicologicamente e epistemologicamente. Nesse sentido, a natureza humana é sacramental tanto quanto aquilo para o qual ela aponta. O divino é o autocomunicado na e através da natureza humana.

Jesus, portanto, foi importante porque, em uma medida sem paralelo em qualquer outra pessoa, ele se concentrou, identificou e então se submeteu ao divino. Mas ele era o Deus-homem? Não. Nele, vemos a exposição mais clara do que o divino é na vida, embora não seja uma exposição exclusiva.

Ele tinha o maior senso da consciência de Deus, de todos. E por causa do divino, também somos capazes de reconhecer como é nossa própria natureza, pois ela reflete a pureza adâmica. O foco especificamente cristológico na grande obra de Schleiermacher, *The Christian Faith, a Systematic Theology*, é surpreendentemente breve.

A indiferença comparativa de Schleiermacher às questões que haviam incomodado pensadores anteriores preparou o terreno para a enxurrada de críticas que veio depois dos acadêmicos neo-ortodoxos liderados por Barth, que, quando se tornou professor, ensinou Schleiermacher todo ano, repetidamente. Ele via isso como o inimigo, junto com o liberalismo de Harnack que lhe havia sido ensinado. Em ambas as frentes, ele se opôs a essas coisas e realmente, em certo sentido, tinha uma neo-ortodoxia.

Igual aos reformadores e puritanos? Não. Mas, de muitas maneiras, muito melhor do que o antigo liberalismo ou o romantismo de Schleiermacher. Obviamente, Schleiermacher pensava em Jesus como a perfeição e o exemplar máximo da consciência de Deus, um sentimento de dependência absoluta, que é a tradução em inglês de suas palavras em alemão.

É isso que todos têm, e Jesus tem supremamente, e os cristãos cultivam isso com fé nele. O que diferenciava Jesus dos outros não era sua humanidade, mas, citação, a potência constante de sua consciência de Deus, que era uma verdadeira existência de Deus nele. Fechar citação.

Schleiermacher equiparou a “absolutamente poderosa consciência de Deus entre aspas com a existência de Deus nele entre aspas”. Isso representava o que ele entendia por encarnação. A encarnação de Deus era sua autocomunicação avassaladora dentro e através deste homem, Jesus.

Schleiermacher teve algumas dificuldades em distinguir isso do panteísmo. E seu argumento era que Deus não chega a tal expressão em todas as coisas, mas apenas nas pessoas. E que ele só chegou a essa expressão máxima em uma pessoa, a saber, Jesus.

Ele então se esforçou para afirmar que essa consciência de Deus em todas as pessoas não pode, com efeito, de fato, ser chamada de uma existência de Deus porque ela é sempre insuficientemente focada e realizada. Somente em Jesus essa consciência de Deus era uma “existência” e, nesse sentido, ele era único. Se Schleiermacher foi bem-sucedido em combinar a noção iluminista de religião universalizada com a concepção cristã da singularidade de Cristo é muito duvidoso.

Schleiermacher não favoreceu o humano, o histórico, desculpe-me, ele não favoreceu as declarações cristológicas históricas, como as duas naturezas, divina e humana, inseparavelmente unidas em uma pessoa são um Cristo. Ele argumentou que o nome Jesus Cristo só poderia ser usado para o período terrestre da vida e que não poderia ser estendido para trás na eternidade como havia se tornado, como havia. Ele sentiu que era inapropriado usar a mesma palavra natureza para descrever tanto o divino quanto o humano e que esta era a fonte de toda a confusão no passado. A abolição da doutrina das duas naturezas era a condição para a clareza teológica, e uma vez que ele estava em desacordo com a compreensão tradicional da Trindade, Schleiermacher não podia olhar com favor para o uso da palavra pessoa.

Ele fez desse sentimento de dependência absoluta sua norma teológica, sua norma normativa, de modo que em sua teologia cristã, a Trindade, que não é a experiência comum da consciência de Deus das pessoas, é colocada como um apêndice como nosso céu e inferno porque eles não passam nesse teste. É incrível. Quero dizer, aqui está um gênio trabalhando.

Não há dúvida. Mas mais uma vez um gênio que se desvia da verdade. Schleiermacher também discordou de alguns dos proponentes da união não hipostática .

Isto é, a humanidade de Jesus está em hífen pessoal em união com a palavra no ventre de Maria, que havia argumentado que a natureza humana de Cristo, embora plena em todos os aspectos, não chegou à conclusão fora da pessoa. Não há nenhum mero homem humano Jesus. O que podemos afirmar, ele declarou, é que nas pessoas comuns, há apenas o germe da imperfeita e obscura consciência de Deus.

Mas desde o início do desenvolvimento humano de Cristo, houve uma citação da consciência de Deus absolutamente poderosa. Nossa, cara. Fecha a citação.

Assim, a citação da influência divina veio sobre a natureza humana e, ao mesmo tempo, é aquela ao mesmo tempo a encarnação de Deus na consciência humana e a formação da natureza humana na personalidade de Cristo. Fechar citação. Para que esse desenvolvimento tenha ocorrido, nenhum nascimento virginal foi necessário.

Nem as histórias do Novo Testamento relacionadas a isso devem ser consideradas doutrinariamente significativas. Ele era filho de um pastor luterano piedoso. Então, ele frequentemente tem um impulso religioso, e esse é o caso.

E ainda assim ele ministrou aos desprezadores da cultura. Eles o leram, e seus pensamentos se tornaram o tópico de cafeterias e assim por diante. Enquanto as coisas mais tradicionais não eram.

Era considerado chato. Era considerado confessional chato, rígido, e esse tipo de coisa. Seu pensamento era estimulante e estimulante e criativo e, infelizmente, heterodoxo.

Como, então, as naturezas estavam relacionadas umas com as outras na pessoa de Cristo? Schleiermacher argumentou que o divino era ativo, tomando o humano em si mesmo, e o humano era passivo, permitindo-se ser preenchido e dirigido pelo divino. A comunicação idiomatum, a comunicação de propriedades, no entanto, precisa ser banida do sistema de doutrina, ele disse. Porque a comunicação de qualidades divinas à natureza humana ou de qualidades humanas à natureza divina resultaria na contaminação de suas características essenciais.

Você verá mais tarde que eu vou argumentar e não é nenhuma novidade para mim que a própria Bíblia ensina a comunicação de propriedades. Ou seja, ela fala da única pessoa de Cristo em uma frase com um título que pertence à sua natureza divina e uma ação que pertence à sua natureza humana. Os pais notaram isso.

É um desenvolvimento muito curioso. 1 Coríntios 2. Os governantes deste mundo não conheciam o conhecimento de Deus. Eles pensavam que eram conhecedores, mas eram tolos, pois se tivessem conhecido o conhecimento de Deus revelado na cruz e a sabedoria e o poder de Deus revelados na cruz, eles não teriam crucificado o Senhor da glória.

Senhor da glória, ou você poderia traduzir Senhor glorioso, é um título divino. Crucificação não diz respeito à divindade. Crucificação diz respeito à humanidade.

Hebreus 2:14 diz que o Filho tomou carne e sangue para si mesmo para que através da morte ele pudesse derrotar o diabo e redimir seu povo. Há uma frase que fala do filho encarnado como o Senhor da glória e atribuindo a ele mortalidade. Até mesmo mortalidade crucificada.

Isso é uma comunicação de atributos. É um compartilhamento de qualidades humanas com uma pessoa denominada por um título divino. Isso é muito curioso.

Agora, o que Schleiermacher está se opondo é a uma compreensão luterana da comunicação de propriedades que é muito diferente de uma compreensão reformada. O próprio Lutero ensinou por razões eucarísticas. Para ter a presença real de Cristo com e sob os elementos na ceia, Lutero ensinou que na ressurreição os atributos divinos foram comunicados da divindade de Jesus para sua humanidade, de modo que sua natureza humana pudesse ser onipresente ou onipresente.

Calvino era muito respeitoso com Lutero. Ele o chamou de apóstolo da reforma, e com razão. Não sei se mais alguém teria tido coragem de fazer o que Lutero fez.

Mas ele estava errado nesse ponto e Calvino afirmou a comunicação das naturezas exatamente no sentido que eu havia dito. Ou seja, é uma maneira bíblica incomum. Eu não tinha meia dúzia de lugares onde você a encontra.

1 João 1. A palavra da vida é um título divino. A palavra viva. A palavra da vida.

E o que é dito dos apóstolos é que eles viram, ouviram e suas mãos tocaram a palavra da vida. A primeira coisa a dizer é que um grego ficaria envergonhado com isso. Você é louco.

Você não pode tocar em Deus, e de fato, você não pode. Mas aquele que eles tocaram, o Deus homem, era Deus. Então predicados humanos, sendo suscetíveis aos sentidos, sendo capazes de ser vistos, ouvidos e tocados são atribuídos a alguém que é chamado por um título divino, a palavra da vida.

O que a escritura está fazendo é afirmar a unidade da pessoa. Entendeu? Ela o chama de Deus, mas então atribui a Deus, humanidade. É bem notável.

O pai viu. De qualquer forma, é isso que Schleiermacher rejeita, o entendimento luterano, e eu não o culpo. Eu deveria dizer que os luteranos que creem na Bíblia são companheiros cristãos reformados e reformacionais com calvinistas que creem na Bíblia.

E eu quero apreciar nossa herança confessional comum e esse tipo de coisa. No entanto, neste ponto em particular, eu decididamente assumo a visão reformada da comunicação de propriedades e não a visão luterana. A comunicação de

propriedades, no entanto, argumentou Schleiermacher, precisa ser banida do sistema de doutrina porque a comunicação de qualidades divinas à natureza humana ou de qualidades humanas à natureza divina resultaria na contaminação de características essenciais.

O humano seria diferente de humano, e o divino seria menos que divino. O que Schleiermacher realmente apresentou não foi tanto uma doutrina de encarnação, mas de inspiração. Era uma visão de Jesus como um homem cheio de Deus começando de baixo.

Viu? Se você começar absolutamente de baixo, não pode atingir a ortodoxia porque você tem um homem que Deus de alguma forma diviniza, habita, capacita, aperfeiçoa, o que você quiser. E como resultado na teologia mais moderna de nossos dias, essa divinização de Jesus é o que os liberais, protestantes e católicos, imaginam como o destino de todos os seres humanos. Sem dúvida, Schleiermacher foi capaz de iludir a maioria dos problemas inerentes às formulações tradicionais.

Mas a que custo? Ele não teve que abordar o problema da relação entre uma natureza que era divina e uma que era humana, entre o que era absoluto e o que era relativo. Nem teve que formular a relação entre essas naturezas e a única pessoa na qual elas estavam unidas. Jesus era simplesmente um homem com um poderoso senso de Deus.

Os ganhos imediatos para a Cristologia foram, no entanto, perdas sérias para a fé cristã. Por mais que lutasse, Schleiermacher nunca conseguiu dizer como Jesus era único. A consciência de Deus habitava nele da maneira mais potente.

E assim, o pai da teologia moderna, tão brilhante quanto era, enganou muitos outros. Jesus não foi uma invasão única do divino no humano, a cristologia de cima descendo, verdadeiramente descendo, mas apenas a perfeição do que já estava presente em todas as pessoas. Continuidade com a criação, entendeu? Entre Deus e a ordem criada.

Essas coisas são determinantes de toda a Cristologia. Nem a singularidade da fé cristã foi perdida por isso. Mas não estava claro por que Jesus era realmente importante para a fé.

É verdade que Schleiermacher o via como o clarificador de Deus, o expositor do divino por excelência, e no final, o que era importante era a ideia, mas no final, o que era importante era a ideia e não a pessoa em quem ela se expressava. E essa ideia e a consciência pela qual sua presença é registrada é uma posse humana comum. Todas as pessoas têm essa consciência de Deus.

É por isso que Schleiermacher se dirigiu a seus desprezadores cultos, e eles ressoaram com isso. Mas, mais uma vez, a que custo? A teologia de Schleiermacher foi, portanto, uma declaração admirável das suposições comuns do século XIX sobre a vida humana. Mas estava profundamente fora de contato com a essência do testemunho apostólico.

Foi nesse ponto que Schleiermacher foi chamado a prestar contas pelos pensadores neo-ortodoxos e com razão. Outra figura muito importante na época, dificilmente consigo encontrar muito sobre ele nos livros didáticos contemporâneos sobre Cristologia, o que acho que diz alguma coisa, é Albrecht Ritschel. Com exceção de Schleiermacher, isso vai ser muito breve. Sinto muito, mas é assim que as coisas são; ninguém exerceu maior influência na teologia atual; isso foi escrito por Louis Berkhof em 1930, ok, do que Albrecht Ritschl.

Você vê a grafia no overhead. Sua Cristologia toma seu ponto de partida na obra, em vez da pessoa de Cristo. Há uma ênfase, e foi exagerada ainda mais na teologia posterior, de que conhecemos Jesus não de uma forma abstrata grega, falando sobre essências e naturezas e a pessoa e esse tipo de coisa, mas queremos uma Cristologia funcional.

É isso que o Novo Testamento nos dá. Ele não se preocupa com essências e terminologia grega; ele apresenta um Jesus em movimento, e assim, você começa com a obra e não com a pessoa. É melhor eu avaliar isso antes que eu esqueça.

É verdade que o Novo Testamento apresenta uma cristologia funcional. Eu diria que o Novo Testamento também apresenta um trinitarismo funcional. Ele não especula sobre o ser abstrato de Deus e das pessoas e esse tipo de coisa, mas por trás de sua cristologia funcional e seu trinitarismo funcional há uma cristologia ontológica e um trinitarismo ontológico.

Além disso, a Bíblia às vezes, como veremos em Hebreus 1, fala do Filho; ele é a representação exata da natureza essencial de Deus. Palavra grega, *apostasis*. Usada de forma diferente do que era no censo cristológico, mas está dizendo que a palavra significa essência, natureza essencial, o próprio ser.

Jesus é a representação exata disso. Então, às vezes, raramente fala disso, da essência, geralmente da função, mas argumentamos de uma função de volta à essência. Não reduzimos o testemunho do Novo Testamento, seja da Trindade ou de Cristo, a um mero funcionalismo.

Isso é enfatizar a função para denegrir a pessoa, e isso é um grande erro. A obra de Cristo determina a dignidade de sua pessoa. Ele era um mero homem.

Eu sinto uma Cristologia absolutamente vinda de baixo? Sim, eu sinto. Este é o velho liberalismo. Ele era um mero homem.

O antigo liberalismo levou muito tempo para atacar o fundamentalismo, e eu não defenderia todos os aspectos do fundamentalismo. Os liberais ganharam as escolas. Os fundamentalistas contra-atacaram com escolas bíblicas.

Elas não estavam no mesmo nível dos estabelecimentos de educação que os liberais assumiram. Eu diria que hoje, o evangelicalismo tem se saído muito bem. A Associação Americana de Escolas Teológicas pode ter mais escolas evangélicas do que liberais, e muitas delas são academicamente boas e capazes.

Ainda há escolas liberais que são academicamente capazes, mas o liberalismo estava ocupado atacando o fundamentalismo, e de certa forma, era justificável, mas de outras formas, eles negavam os fundamentos da fé, que é de onde o fundamentalismo tirou seu nome, e isso incluía o nascimento virginal, a divindade e os milagres de Jesus, a expiação pelo sangue e sua segunda vinda, e isso é negar a própria fé cristã. Eu não defenderia todas as explicações fundamentalistas dessas coisas, mas as verdades que elas estavam expressando, por melhores ou piores que fossem, eram verdades bíblicas, e o liberalismo errou ao rejeitar essas verdades. Jesus era um mero homem para Albrecht Ritschl, mas em vista do trabalho que ele realizou e do serviço que prestou, nós corretamente atribuímos a ele o predicado de Divindade.

O que isso significa? A próxima frase nos ajuda a entender, como Birkhoff explica, novamente isso é da Teologia Sistemática de Louis Birkhoff, página 310. Ritschl descarta a pré-existência, a encarnação, e não há Cristologia do alto, nenhuma ortodoxia, e o nascimento virginal de Cristo. Já que isso não encontra ponto de contato na consciência crente da comunidade cristã, Schleiermacher consciência crente de indivíduos, ritual mais comunal em sua epistemologia.

Cristo foi o fundador do reino de Deus, tornando assim o propósito de Deus seu, e agora, de alguma forma, induz os homens a entrarem na comunidade cristã e a viverem uma vida motivada inteiramente pelo amor. Ele redime o homem por seu ensinamento, exemplo e influência única, e é, portanto, digno de ser chamado de Deus. Esta é virtualmente uma renovação da doutrina de Paulo de Sabbath, um antigo herege conhecido pelo modalismo.

Observe que Cristo redime por seu ensinamento, exemplo e influência única. Há uma sensação de que essas coisas são verdadeiras, mas, mais profundamente, ele redime morrendo no lugar dos pecadores e ressuscitando no terceiro dia, de acordo com as escrituras. O antigo liberalismo é de fato liberalismo, e ele fica aquém, e darei uma prévia de nossas próximas palestras sobre a Cristologia moderna.

Bart Bruner, que realmente discutiremos talvez um pouco, e Bultmann no início, de qualquer forma, representam uma forte ruptura com a velha tradição liberal. Bultmann então seguiu em sua própria direção existencial, e ele e Bart realmente discordaram tremendamente, mas rejeitaram o velho imanentismo liberal e começaram de cima com uma encarnação real. Isso foi incrível.

Essa foi uma grande mudança para a transcendência, a alteridade de Deus sobre a qual Bart falou. Falaremos mais não apenas sobre a busca pelo Jesus histórico, a busca original, fizemos algo com isso com Schweitzer atacando-os, mas o reducionismo de Bultmann do Novo Testamento para algumas páginas que poderiam ter voltado para Jesus levou a tal futilidade. Lembro-me de falar com um aluno, um aluno evangélico no Seminário Teológico de Princeton, que na época era dominado por Bultmannianos .

Eu disse, deixe-me lhe fazer uma pergunta. Você foi lá para se preparar para o ministério? Sim, senhor. Esse cara amava o Senhor.

Ele estava determinado a lutar pela verdade dentro da Igreja Presbiteriana Unida, e precisava ser ordenado. Ele tinha que ir para Princeton ou um dos seminários aprovados, certo? Não para Westminster ou Covenant ou Reformed. Isso não funcionou naquele dia. Eu disse, tenho uma pergunta para você.

O que você possivelmente prega dos restos do Novo Testamento? Ele disse, essa é uma boa pergunta, e eles realmente criaram um curso baseado, depois do ensino dos professores Bultmannianos do Novo Testamento sobre esse mesmo tópico. Oh, meu Deus. O reducionismo é enorme, e foi assim que os discípulos de Bultmann, ele era um gênio.

Eles eram homens talentosos. Gunther Bornkamm , Ernest Kasemann e outros começaram uma nova busca pelo Jesus histórico e tinham muito mais do Novo Testamento do que ele. Quer dizer, do que estamos falando aqui? Muito mais do que você.

Quer dizer, a coisa toda é tão distorcida, mas eles fizeram. E eu não sei. Eu não sei.

Isso foi melhor do que o negócio dele, mas meu Deus. E então, vamos considerar o mais recente, o mais influente. Barth foi o teólogo dominante do século XX, pelo menos por muito tempo, mas perto do fim dele, Wolfhard Pannenberg e Jürgen Bultmann, dois teólogos alemães, foram muito influentes.

Examinaremos suas Cristologias . Elas são certamente melhores que as de Bultmann, e são ortodoxas em alguns aspectos, mas não em outros. Consideraremos alguns pensadores católicos romanos.

Hans Kung, que se tornou, não tenho a terminologia correta. Ele não foi mais feito um professor oficial da doutrina católica em Tübingen, na Alemanha, por causa de sua discordância com a infalibilidade do Papa. Examinaremos sua Cristologia e a de Karl Rayner, um brilhante teólogo católico romano existencialista que foi muito influente em Calcedônia, desculpe-me, no Vaticano II, o segundo Concílio do Vaticano.

Cara, isso foi um deslize freudiano, um grande momento. Rayner influenciou o Vaticano II em meados dos anos 60, e toda a direção da Igreja Católica mudou. Vamos pensar sobre sua Cristologia à luz de seus ensinamentos sobre a Trindade, como a Trindade econômica é a Trindade imanente, a Trindade ontológica e sua noção de cristianismo anônimo, onde o catolicismo agora espera por universalismo.

Essas são questões importantes. Vamos dar uma olhada no bispo britânico JAT Robinson, um legítimo estudioso do Novo Testamento que surpreendeu os britânicos comuns com seu livro *Honest to God*, no qual ele questionou todos os tipos de coisas e negou todos os tipos de coisas. Vamos dar uma olhada rápida na Cristologia de um teólogo de processo.

Pittenger é o único que realmente escreveu isso, e então concluiremos, se Deus quiser, com uma apresentação que chocou a população britânica e os fiéis, o mito de Deus encarnado. Professores famosos em Cambridge e Oxford dizem que não acreditam na encarnação e assim por diante. Foi seguido no mesmo ano como escritor, historiador e editor de vários volumes.

Mal consigo compreender isso. No mesmo ano, um livro chamado *The Truth of God Incarnate* foi escrito por evangélicos. O livro anterior fez tanto barulho e perturbou a fé de tantas pessoas.

A Verdade do Deus Encarnado saiu. Essas são algumas das coisas que começaremos a abordar em nossa próxima palestra, mas, enquanto isso, obrigado por sua atenção, e que Deus o abençoe.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 6, *Cristologia Moderna, Parte 1, Kant, Schleiermacher e Ritschl*.